

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Arrepios

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRINTA E TRÊS)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba – SP

Piracicaba Janeiro 2023

ÍNDICE

O CÉU E O INFERNO.....	03
NOSSO LAR.....	04
NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE	06
ROMA E O EVANGELHO.....	10
TÉCNICA DA MEDIUNIDADE.....	15
A GÊNESE.....	17

O CÉU E O INFERNO

Allan Kardec

2ª Parte. Cap. IV B §3

Espíritos Sofredores NOVEL

(O Espírito dirige-se ao médium, que em vida o conhecera.)

“Vou contar-te o meu sofrimento quando morri. Meu Espírito, preso ao corpo por eles materiais, teve grande dificuldade em desembaraçar-se — o que já foi, por si, uma rude angústia.

A vida que eu deixava aos 21 anos era ainda tão vigorosa que eu não podia crer na sua perda. Por isso procurava o corpo, estava admirado, apavorado por me ver perdido num turbilhão de sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação das faltas cometidas em todas as minhas encarnações feriam-me subitamente, enquanto uma luz implacável me iluminava os mais secretos âmagos da alma, que se sentia desnudada e logo possuída de vergonha acabrunhante. Procurava fugir a essa influência interessando-me pelos objetos que me cercavam, novos, mas que, no entanto, já conhecia; os Espíritos luminosos, flutuando no éter, davam-me a ideia de uma ventura a que eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, mergulhadas umas em tedioso desespero; furiosas ou irônicas outras, deslizavam em torno de mim ou por sobre a terra a que me chumbava. Eu via agitarem-se os humanos cuja ignorância invejava; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou antes reencontradas, invadiram-me simultaneamente. Como que arrastado por força irresistível, procurando fugir à dor encarniçada, franqueava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante a dor acerba da consciência, nem o pavor causado pela revelação da eternidade. Pode um mortal prejulgar as torturas materiais pelos **arrepios** da carne; mas as vossas frágeis dores, amenizadas pela esperança, atenuadas por distrações ou mortas pelo esquecimento, não vos darão nunca a ideia das angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. Decorrido um tempo cuja duração não posso precisar, invejando os eleitos cujos esplendores entrevia, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com remoques, desprezando os humanos cujas torpezas eu via, passei de profundo abatimento a uma revolta insensata.

Chamaste-me finalmente, e pela primeira vez um sentimento suave e terno me acalmou; escutei os ensinamentos que te dão os teus guias, a verdade impôs-se-me, orei; Deus ouviu-me, revelou-se-me por sua clemência, como já se me havia revelado por sua Justiça.”

Novel

NOSSO LAR

André Luiz – Francisco Cândido Xavier

12

O UMBRAL

Após receber tão valiosas elucidações, aguçava-se-me o desejo de intensificar a aquisição de conhecimentos relativos a diversos problemas que a palavra de Lísias sugeria. As referências a espíritos do Umbral mordiam-me a curiosidade. A ausência de preparação religiosa, no mundo, dá motivo a dolorosas perturbações. Que seria o Umbral? Conhecia, apenas, a ideia do inferno e do purgatório, através dos sermões ouvidos nas cerimônias católico-romanas a que assistira, obedecendo a preceitos protocolares. Desse Umbral, porém, nunca tivera notícias.

Ao primeiro encontro com o generoso visitador, minhas perguntas não se fizeram esperar. Lísias ouviu-me, atencioso e replicou:

— Ora, ora, pois você andou detido por lá tanto tempo e não conhece a região?

Recordei os sofrimentos passados, experimentando **arrepios** de horror.

O Umbral — continuou ele, solícito — começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. Quando o espírito reencarna, promete cumprir o programa de serviços do Pai; entretanto, ao recapitular experiências no planeta, é muito difícil fazê-lo, para só procurar o que lhe satisfaça ao egoísmo. Assim é que mantidos são o mesmo ódio aos adversários e a mesma paixão pelos amigos. Mas, nem o ódio é justiça, nem a paixão é amor. Tudo o que excede, sem aproveitamento, prejudica a economia da vida. Pois bem: todas as multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas, que se seguem aos fluidos carnisais. O dever cumprido é uma porta que atravessamos no Infinito, rumo ao continente sagrado da união com o Senhor. É natural, portanto, que o homem esquivo à obrigação justa, tenha essa bênção indefinidamente adiada.

Notando-me a dificuldade para apreender todo o conteúdo do ensinamento, com vistas à minha quase total ignorância dos princípios espirituais, Lísias procurou tornar a lição mais clara:

— Imagine que cada um de nós, renascendo no planeta, somos portadores de um fato sujo, para lavar no tanque da vida humana. Essa roupa imunda é o corpo causal, tecido por nossas mãos, nas experiências anteriores. Compartilhando, de novo, as bênçãos da oportunidade terrestre, esquecemos, porém, o objetivo essencial, e, ao invés de nos purificarmos pelo esforço da lavagem, manchamo-nos ainda mais, contraindo novos laços e encarcerando-nos a nós mesmos em verdadeira escravidão. Ora, se ao voltarmos ao mundo procurávamos um meio de fugir à sujidade, pelo desacordo de nossa situação com o meio elevado, como regressar a esse mesmo ambiente luminoso, em piores condições? O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma

existência terrena.

A imagem não podia ser mais clara, mais convincente.

Não havia como disfarçar minha justa admiração. Compreendendo o efeito benéfico que me traziam aqueles esclarecimentos, Lísias continuou;

— O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior. E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. Muita gente da Terra não recorda que se desespera quando o carteiro não vem, quando o comboio não aparece? Pois o Umbral está repleto de desesperados. Por não encontrarem o Senhor à disposição dos seus caprichos, após a morte do corpo físico, e, sentindo que a coroa da vida eterna é a glória intransferível dos que trabalham com o Pai, essas criaturas se revelam e demoram em mesquinhas edificações. “Nosso Lar” tem uma sociedade espiritual, mas esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados.

Valendo-me da pausa, que se fizera espontânea, exclamei, impressionado:

— Como explicar? Então não há por lá defesa, organização?

Sorriu o interlocutor, esclarecendo:

— Organização é atributo dos espíritos organizados. Que quer você? A zona inferior à que nos referimos é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão. O viajante distraído perde o comboio, o agricultor que não semeou não pode colher. Uma certeza, porém, posso dar-lhe: — não obstante as sombras e angústias do Umbral, nunca faltou lá a proteção divina. Cada espírito lá permanece o tempo que se faça necessário. Para isso, meu amigo, permitiu o Senhor se erigissem muitas colônias como esta, consagradas ao trabalho e ao socorro espiritual.

— Creio, então — observei —, que essa esfera se mistura quase com a esfera dos homens.

— Sim — confirmou o dedicado amigo —, e é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, porque, em verdade, todo espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender. Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à

humanidade visível. As missões mais laboriosas do Ministério do Auxílio são constituídas por abnegados servidores, no Umbral, porque se a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades terrenas é difícil, pelas labaredas e ondas de fumo que os defrontam, os missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos, sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores. É necessário muita coragem e muita renúncia para ajudar a quem nada compreende do auxílio que se lhe oferece.

Interrompera-se Lísias. Sumamente impressionado, exclamei:

— Ah! como desejo trabalhar junto dessas legiões de infelizes, levando-lhes o pão espiritual do esclarecimento!

O enfermeiro amigo fixou-me bondosamente, e, depois de meditar em silêncio, por largos instantes, acentuou, ao despedir-se:

— Será que você se sente com o preparo indispensável a semelhante serviço?

NOS DOMINIOS DA MEDIUNIDADE

André Luiz – Francisco Cândido Xavier

5

Assimilação de correntes mentais

Faltavam apenas dois minutos para as vinte horas, quando o dirigente espiritual mais responsável deu entrada no pequeno recinto.

Nosso orientador articulou a apresentação.

O Irmão Clementino abraçou-nos, acolhedor.

A casa pertencia-nos a todos, explicou sorridente. Estivéssemos, pois, à vontade, na tarefa de que nos achávamos investidos.

A essa altura, diversas entidades do nosso plano colocaram-se junto dos médiuns que estariam de serviço.

Clementino avançou em direção de Raul Silva, perto de quem se postou em muda reflexão.

Logo após, Âulus convidou-me ao psicoscópio e, graduando-o sob nova modalidade, recomendou- -nos acurado exame.

Foquei os companheiros encarnados em concentração mental, identificando-os sob aspecto diferente.

Dessa vez, os veículos físicos apareciam quais se fossem correntes eletromagnéticas em elevada tensão.

O sistema nervoso, os núcleos glandulares e os plexos emitiam luminescência particular. E, justapondo-se ao cérebro, a mente surgia como esfera de luz característica, oferecendo em cada companheiro determinado potencial de radiação.

Assinalando-nos a curiosidade, o Assistente explicou:

— Em qualquer estudo mediúnico, não podemos esquecer que a individualidade espiritual, na carne, mora na cidadela atômica do corpo, formado por recursos tomados de

empréstimo ao ambiente do mundo. Sangue, encéfalo, nervos, ossos, pele e músculos representam materiais que se aglutinam entre si para a manifestação transitória da alma, na Terra, constituindo-lhe vestimenta temporária, segundo as condições em que a mente se acha.

Nesse instante, o irmão Clementino pousou a destra na frente do amigo que comandava a assembleia, mostrando-se nos mais humanizado, quase obscuro.

– O benfeitor espiritual que ora nos dirige — acentuou o nosso instrutor — afigura-se nos mais pesado porque amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo à posição de Raul, tanto quanto lhe é possível, para benefício do trabalho começante. Influencia agora a vida cerebral do condutor da casa, à maneira dum músico emérito manobrando, respeitoso, um violino de alto valor, do qual conhece a firmeza e a harmonia.

Notamos que a cabeça venerável de Clementino passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, se nimbava de luminosidade intensa, embora diversa.

O mentor desencarnado levantou a voz comovente, suplicando a Bênção Divina com expressões que nos eram familiares, expressões essas que Silva transmitiu igualmente em alta voz, imprimindo-lhes diminutas variações.

Com a emotividade que nos invadia a todos, brando silêncio se interpôs, durante rápidos minutos.

Fios de luz brilhante ligavam os componentes da mesa, dando-nos a perceber que a prece os reunia mais fortemente entre si.

Terminada a oração, acerquei-me de Silva.

Desejava investigar mais a fundo as impressões que lhe assaltavam o campo físico, e observei-lhe, então, todo o busto, inclusive braços e mãos, sob vigorosa onda de força, a **ericar-lhe a pele**. num fenômeno de doce excitação, como que «agradável calafrio». Essa onda de força descansava sobre o plexo solar, onde se transformava em luminoso estímulo, que se estendia pelos nervos até o cérebro, do qual se derramava pela boca, em forma de palavras.

Acompanhando-me a análise, o Assistente explicou:

– O jacto de forças mentais do irmão Clementino atuou sobre a organização psíquica de Silva, como a corrente dirigida para a lâmpada elétrica. Apoiando-se no plexo solar, elevou-se ao sistema neuro-cerebrino, como a energia elétrica da usina emissora que, atingindo a lâmpada, se espalha no filamento incandescente, produzindo o fenômeno da luz.

– E o problema da voltagem? — indaguei, curioso.

– Não foi esquecido. Clementino graduou o pensamento e a expressão, de acordo com a capacidade do nosso Raul e do ambiente que o cerca, ajustando-se-lhes às possibilidades, tanto quanto o técnico de eletricidade controla a projeção de energia, segundo a rede dos elementos receptivos.

E sorrindo:

– Cada vaso recebe de conformidade com a estrutura que lhe é própria.

Os confrontos de Áulus sugeriam belas indagações. A ligação elétrica gera luz na lâmpada. E ali? O contacto espiritual, decerto, segundo inferíamos, improvisava forças igualmente a se derramarem do cérebro e da boca de Silva, na feição de palavras e raios luminosos...

O instrutor percebeu-nos a muda inquirição e apressou-se em aclarar:

– A lâmpada em cujo bojo se faz luz arroja de si mesma os fotônios que são elementos vivos da Natureza a vibrarem no «espaço físico», através dos movimentos que lhes são peculiares, e nossa alma, em cuja intimidade se processa a ideia irradiante, lança fora de si os princípios espirituais, condensados na força ponderável e múltipla do pensamento, princípios esses com que influímos no «espaço mental». Os mundos atuam uns sobre os outros pelas irradiações que despedem e as almas influenciam-se mutuamente, por intermédio dos agentes mentais que produzem.

A palavra serena e precisa do orientador compelia-nos à meditação, embora rápida.

Os claros apontamentos, em torno da energia mental, conduziam-me a preciosas reflexões.

Então, o pensamento não escapava às realidades do mundo corpuscular, ponderei de mim para comigo.

Assim como possuímos na Terra valiosas observações alusivas à química da matéria densa, relacionando-lhe as unidades atômicas, o campo da mente oferecia largas ensanchas ao estudo de suas combinações... Pensamentos de crueldade, revolta, tristeza, amor, compreensão, esperança ou alegria teriam natureza diferenciada, com característicos e pesos próprios, adensando a alma ou sutilizando-a, além de lhe definirem as qualidades magnéticas ... A onda mental possuiria determinados

coeficientes de força na concentração silenciosa, no verbo exteriorizado ou na palavra escrita...

Compreendia, desse modo, mais uma vez, e sem qualquer obscuridade, que somos naturalmente vítimas ou beneficiários de nossas próprias criações, segundo as correntes mentais que projetamos, escravizando-nos a compromissos com a retaguarda de nossas experiências ou libertando-nos para a vanguarda do progresso, conforme nossas deliberações e atividades, em harmonia ou em desarmonia com as Leis Eternas...

O solilóquio, porém, não devia alongar-se.

Nosso orientador, atento aos objetivos de nossa permanência na casa, chamou-me a novas observações:

– Repararam na comunhão entre Clementino e Silva, no momento da prece?

E, ante a nossa expectativa de aprendiz, continuou:

– Vimos aqui o fenômeno da perfeita assimilação de correntes mentais que preside

habitualmente a quase todos os fatos mediúnicos. Para clareza de raciocínio, comparemos a organização de Silva, nosso companheiro encarnado, a um aparelho receptor, quais os que conhecemos na Terra, nos domínios da radiofonia. A emissão mental de Clementino, condenando-lhe o pensamento e a vontade, envolve Raul Silva em profusão de raios que lhe alcançam o campo interior, primeiramente pelos poros, que são miríades de antenas sobre as quais essa emissão adquire o aspecto de impressões fracas e indecisas. Essas impressões apoiam-se nos centros do corpo espiritual, que funcionam à guisa de condensadores, atingem, de imediato, os cabos do sistema nervoso, a desempenharem o papel de preciosas bobinas de indução, acumulando-se aí num átimo e reconstituindo-se, automaticamente, no cérebro, onde possuímos centenas de centros motores, semelhante a milagroso teclado de eletroímãs, ligados uns aos outros e em cujos fulcros dinâmicos se processam as ações e as reações mentais, que determinam vibrações criativas, através do pensamento ou da palavra, considerando-se o encéfalo como poderosa estação emissora e receptora e a boca por valioso alto-falante. Tais estímulos se expressam ainda pelo mecanismo das mãos e dos pés ou pelas impressões dos sentidos e dos órgãos, que trabalham na feição de guindastes e condutores, transformadores e analistas, sob o comando direto da mente.

A elucidação não podia ser mais simples, contudo oferecia oportunidade a mais amplas indagações.

– Temos então aqui a técnica do próprio pensamento? — perguntou Hilário, com interesse.

– Não tanto — adiantou o interlocutor —; o pensamento que nos é exclusivo flui incessantemente de nosso campo cerebral, tanto quanto as ondas magnéticas e caloríficas que nos são particulares, e usamo-lo normalmente, acionando os recursos de que dispomos.

– Não será, porém, tão fácil estabelecer a diferença entre a criação mental que nos pertence daquela que se nos incorpora à cabeça... — ponderou meu colega intrigado.

– Sua afirmativa carece de base — exclamou o Assistente. — Qualquer pessoa que saiba manejar a própria atenção observará a mudança, de vez que o nosso pensamento vibra em certo grau de frequência, a concretizar-se em nossa maneira especial de expressão, no círculo dos hábitos e dos pontos de vista, dos modos e do estilo que nos são peculiares.

E, bem-humorado, comentou:

– Em assuntos dessa ordem, é imprescindível muito cuidado no julgar, porque, enquanto afinamos o critério pela craveira terrena, possuímos uma vida mental quase sempre parasitária, de vez que ocultamos a onda de pensamento que nos é própria, para refletir e agir com os preconceitos

consagrados ou com a pragmática dos costumes preestabelecidos, que são cristalizações mentais no tempo, ou com as modas do dia e as opiniões dos afeiçoados que constituem fácil acomodação com o menor esforço. Basta, no entanto, nos afeiçoemos aos exercícios da meditação, ao estudo edificante e ao hábito de discernir para compreendermos onde se nos situa a faixa de pensamento, identificando com nitidez as correntes espirituais que passamos a assimilar.

Hilário pensou alguns instantes e, estampando na fisionomia o contentamento de quem fizera importante descoberta, falou satisfeito:

– Agora percebo como podem surgir fenômenos mediúnicos em comezinhas situações da vida, tanto nos feitos notáveis da genialidade, como nos dramas cotidianos...

– Sim, sim... — acentuou o orientador, agora preocupado com o tempo que a nossa palestra consumia — a mediunidade é um dom inerente a todos os seres, como a faculdade de respirar, e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com as quais sintoniza. Por isso mesmo, o Divino Mestre recomendou-nos oração e vigilância para não cairmos nas sugestões do mal, porque a tentação é o fio de forças vivas a irradiar-se de nós, captando os elementos que lhe são semelhantes e tecendo, assim, ao redor de nossa alma, espessa rede de impulsos, por vezes irresistíveis.

E, buscando o lugar que lhe competia nos trabalhos em andamento, ajuntou:

– Estudemos trabalhando. O tempo utilizado a serviço do próximo é bênção que entesouramos. em nosso próprio favor, para sempre.

ROMA E O EVANGELHO

D. José Amigó Pellicer

V

Revelação e ensinamentos dos Espíritos

A comunicação espírita é um fato. Aos materialistas, para quem isso não é mais que uma alucinação em certos casos, um embuste em outros, e em muitas ocasiões um fenômeno puramente físico, nos limitaremos a recomendar que estudem, observem, experimentem por si mesmos e, principalmente, que não emitam opinião sem conhecimento de causa.

Temos visto materialistas acérrimos convertidos em fervorosos propagandistas das doutrinas que o Espiritismo sustenta. É um milagre muito frequente, do qual não se devem esquecer os apóstolos da matéria e da força.

Esta terceira parte não foi escrita para os materialistas, mas para os católicos romanos, e, como a Igreja Romana concorda conosco na realidade do fato da comunicação, salvo a sua confissão, ficamos dispensados de aduzir novas provas, pois são absolutamente desnecessárias. Como, porém, a Igreja na sua opinião, par si julgada infalível, afirma que a comunicação espiritual não pode proceder dos Espíritos bem-aventurados, nem das almas do purgatório, nem dos tristes habitantes das cavernas infernais, não podendo, portanto, ser atribuída senão exclusivamente ao diabo, propomos aqui, depois de dar como produzidas todas as razões que apresentamos no decurso deste livro, e mais especialmente nos parágrafos XX da primeira parte, X e XI da segunda, a demonstrar, com o testemunho das Sagradas Escrituras, que as comunicações não são devidas a uma influência infernal, mas os Espíritos, em seus diversos graus de elevação e pureza. É verdade que, negada como ficou pela mesma Escritura a existência pessoal do

diabo, negado fica tudo o que a ele se refere; todavia, desejosos de estudar a questão, sob todos os seus aspectos, não podemos deixar de fazê-lo, agora, no fenômeno das comunicações. Lede e julgai:

"Então, tendo Tobias saído, achou um gentil mancebo, que estava cingido e prestes a caminhar.

E não sabendo se era um anjo de Deus, o saudou e disse: Donde és tu, guapo mancebo?

E ele respondeu: Sou um dos filhos de Israel...

Mas, para que não fiques em cuidados, digo-te que sou Azarias, filho do grande Ananias."(Tobias, V, 5, 6, 7 e 18.)

Desta passagem se depreende claramente que, ou o anjo mentiu, o que não é admissível, ou os anjos não são mais que os Espíritos dos homens que morrem na virtude, pois, o que fala com Tobias, afirma ser um dos filhos de Israel chamado Azarias, filho do grande Ananias. A proteção que ele dispensa à família de Tobias, é natural por causa do parentesco das famílias de ambos. Eis, por conseguinte, um fato de comunicação espiritual, e não cremos que a Igreja Romana se atreva a explicá-lo pela intervenção do diabo.

"E ao passar diante de mim um Espírito, os cabelos da minha carne se arrepiaram. Parou diante de mim uma, cujo rosto eu não conheci; vi um vulto diante dos meus olhos, e ouvi uma voz, conto de branda viração." (Job, IV, 15 e 16.)

Um Espírito, cujo rosto não conhecia, isto é, de pessoa desconhecida, para diante de Job, e este o vê e ouve. Não podia ser um Espírito maligno, porque a sua voz não era atroadora coma a de um furacão, mas sim como a da meiga brisa.

"E depois disso morreu Samuel, e apareceu ao rei e lhe predisse o fim da sua vida; e, saindo da Terra, levantou a sua voz, profetizando que ia ser destruída a impiedade da nação." (Eclesiástico, XLVI, 23.)

Eis como o padre Seio comenta esta passagem: "Julgo que aí não foi o demônio que apareceu à pitonisa com a figura de Samuel, mas o próprio Samuel para notificar a Saul o fim da sua vida e a transferência do reino para a casa de David. Se isso tivesse sido obra do demônio, a Escritura não o teria contado entre as obras de Samuel, vindo, portanto, esse fato apoiar a imortalidade da alma." Daí resulta que há comunicações que procedem das almas dos bem-aventurados, e que podem ser recebidas por pessoas pouco virtuosas e perfeitas como a pitonisa. Estamos de todo conformes com a explicação do padre Seio, e entregamo-la, sem novos comentários, ao juízo do leitor.

"E o Senhor me disse: Toma um livro grande e nele escreve em estilo de homem." (Isaías, VIII, 1.)

"Naquele tempo falou o Senhor, por intermédio de Isaías, filho de Amós." (Isaías, XX, 2.)

"Agora, diz o Senhor, entra e escreve na minha presença sobre o buxo e em um livro registrado exatamente, que será no futuro uma testemunha sempiterna." (Isaías, XXX, 8.)

"Eis que lhe darei um espírito e ele ouvirá uma nova e voltará à sua terra, e na sua terra fá-lo-ei cair morto à espada." (Isaías, XXXVII, 7.)

"Eis a palavra que veio do Senhor a Jeremias, dizendo: Escreve em livro tudo o que tenho ditado." (Jeremias, XXX, 1 e 2.)

Serão diabólicas as comunicações e inspirações espirituais escritas, que recebiam Isaías e Jeremias, a que se referem os versículos transcritos? Não, indubitavelmente; porque, como muito bem diz o comentário do padre Seio, se isto fosse uma obra do demônio não seria mencionado na Escritura, entre as obras de Isaías e de Jeremias.

"E o Espírito entrou em mim, depois que me falou e me pôs em pé, e ouvi o que ele dizia." (Ezequiel, II, 2.)

Supomos que também não foi diabólico o Espírito que falou a este profeta.

"Ouvi falar um dos santos, e um santo perguntou a outro, não sei a quem, que lhe falava: até quando. . ." (Daniel, VIII, 13.)

"Estando ainda na minha oração, eis que Gabriel, o varão que eu havia visto no começo da visão, voando arrebatadamente, chegou sê-me na hora do sacrifício da tarde.

E me instruiu e falou, dizendo: Daniel, vim agora para instruir-te e fazer-te compreender." (Daniel, IX, 21 e 22.)

"E, tendo ficado só, tive esta grande visão; em mim não restaram forças, o meu semblante mudou-se e eu fiquei pálido e aniquilado.

Eis que me tocou uma mão e ergueu os meus joelhos e as minhas mãos.

E me disse: Não temas, Daniel; porque desde o primeiro dia dirigiste o teu coração para entender; afligindo-te na presença do teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras, e eu vim atender aos teus rogos.

Eis que, assemelhando-se a um filho do homem, ele tocou os meus lábios, etc.

Tocou-me, pois, de novo aquele que eu via como um homem e me confortou." (Daniel, X, 8, 10, 12, 16 e 18.)

Daniel comunica-se com os santos e ouve as suas palavras; recebe instruções do Espírito de Gabriel, varão justo que descia da morada dos bem-aventurados para falar-lhe; sente o seu contacto e vê, com a semelhança de homem, o seu Espírito protetor, que diz ter vindo a ele em atenção aos seus rogos. Por aí se vê que as preces dos homens podem alcançar, com a permissão divina, comunicações dos Espíritos puros.

"E, depois disso, acontecerá: Derramarei meu Espírito sobre a tua carne, e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; vossos velhos terão sonhos e vossos jovens terão visões." (Joel, II, 28.)

As palavras de Joel são uma fiel profecia do que começa a suceder nos nossos dias, com relação à vinda e ao admirável desenvolvimento do Espiritismo. Os Espíritos do Senhor espalham-se com profusão pelo mundo, e, por toda parte, ouvem-se as suas vozes e recebem-se os seus benéficos ensinamentos. Bendito seja o Senhor que; assim manifestando, a sua misericórdia e o seu poder, indica o caminho que deve seguir a Humanidade extraviada.

"E eu vos digo: Pedi e se vos dará, buscai e achareis, batei e se vos abrirá.

Porque, todo aquele que pede, recebe; quem busca, encontra; e ao que chama, se abrirá.

Se algum de vós pedir pão ao seu pai, dar-lhe-á ele uma pedra? Se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á ele uma serpente? Se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á ele um escorpião?

Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com quanto maior razão o vosso Pai celestial dará bom espírito aos que lhe pedirem." (São Lucas, XI, 9, 10, 11, 12 e 13.)

Não esqueçamos, cristãos, as promessas do Enviado de Deus; peçamos com fé por nós mesmos, e nos será dado àquilo de que as nossas almas necessitam; busquemos a verdade na sabedoria e na virtude, e a acharemos na medida dos nossos esforços; clamemos com humildade às portas da bondade e misericórdia do Senhor, e o Senhor, que é o nosso Pai, estenderá sobre nós a sua sombra paternal e benfeitora. Jesus Cristo disse que o Pai celestial dará bom Espírito, isto é, o conselho dos Espíritos aos que lho pedirem; devemos crer mais nas suas palavras, que nas dos infelizes que julgam a Divindade capaz de enganar-nos com o falaz conselho dos Espíritos malignos, quando invocam a sua justiça e a sua misericórdia.

Continuemos:

"Estêvão, cheio de graça e coragem, fazia grandes prodígios e milagres no meio do povo.

E alguns da sinagoga se levantaram a disputar com Estêvão.

Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que falava nele." (Atos dos Apóstolos, VI, 8, 9 e 10.)

"E Pedro, pensado na visão, o Espírito lhe disse: Ai estão três homens, que te buscam.

"E estes disseram. O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, e que tem por si o testemunho de toda a nação dos judeus, recebeu ordem do santo anjo para que te fizesse chamar a sua casa, a fim de escutar as tuas palavras." (Atos dos Apóstolos, X, 19 e 22.)

"E, levantando-se um deles, por nome Agabo, dava a entender pelo Espírito que ia haver uma grande fome em todo o mundo; e ela veio no tempo de Cláudio." (Atos dos Apóstolos, XI, 28.)

"E quando chegaram a Mísia, queriam ir a Bitínia, e o Espírito de Jesus não os deixou." (Atos dos Apóstolos, XVI, 7.)

Estêvão fala, e os da sinagoga ficam confundidos ante a sua sabedoria; ele fala inspirado por um Espírito do Senhor; um Espírito dirige a palavra a Pedro, e Cornélio recebe ordens de um santo anjo. Agabo profetiza pelo Espírito, pronunciando as palavras proféticas, que um Espírito lhe inspira; e o próprio Espírito de Jesus não deixa que vão a Bitínia, como queriam, os Apóstolos Paulo e Barnabé. Todos estes casos são de comunicação espiritual, sem intervenção diabólica, e patenteiam a possibilidade e a realidade do fato, tão combatido hoje, como diabólico, pela igreja que julga possuir as chaves das Sagradas Escrituras.

"Portanto, se há alguma consolação em Cristo, se há algum refrigério de caridade, se há alguma comunicação de Espírito, se há algum sentimento de compaixão;

Fazei completo o meu gozo, de sorte que sintais uma mesma coisa, tendo uma mesma caridade, um mesmo pensamento." (S. Paulo, aos filipenses, II, 1 e 2.)

"Não apagueis o espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo e aceitai o que for bom." (S. Paulo, I Epíst., aos tessal., V, 19, 20 e 21.)

"Rogamos-vos, irmãos.

Não vos movais facilmente da vossa inteligência, não vos perturbeis, nem pela Espírito, nem pela palavra, nem por carta vinda como enviada por nós." (S. Paulo, II Epíst., aos tessal., II, 1 e 2.)

S. Paulo, em sua epístola, fala claramente das comunicações dos Espíritos, porém, não só dos Espíritos malignos; aconselha também aos de Tessalônica, na primeira epístola, que não apaguem o espírito; que por suas faltas não se façam indignos das comunicações espirituais, nem desprezem os avisos proféticos que possam receber, que examinem tudo e somente aceitem o que for bom; na sua segunda epístola aos mesmos de Tessalônica, aconselha que não variem facilmente dos seus propósitos e das suas crenças, nem por palavra, nem por comunicação espiritual, pois, assim como as comunicações podem proceder dos Espíritos da verdade, elas também podem vir dos Espíritos do erro.

"Caríssimos, não acrediteis em todo Espírito, mas examinai se os Espíritos são de Deus." (São João, I Epístola, IV, 1.)

"Voei em espírito, um dia de Domingo, e ouvi atrás de mim uma voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o em um livro." (Apocalipse de S. João, I, 10 e 11.)

As diferenças em perfeição e em virtudes, que observamos entre os homens, existem igualmente no mundo espiritual, pois os Espíritos não são mais que os mesmos homens despidos do seu invólucro terreno. O Senhor, que permite a comunicação dos Espíritos elevados para fortalecer-nos e instruir-nos, consente também, às vezes, as comunicações dos Espíritos imperfeitos, mais ou menos apegados aos instintos sensuais e inclinados à mentira ou ao erro, para sujeitar-nos a provas.

Por esse motivo, o Evangelho recomenda que não depositemos confiança cega nas palavras e nos conselhos dos Espíritos, sem estarmos certos de que são realmente Espíritos bons e enviados de Deus para ilustrar-nos ou melhorar-nos. Pelo fruto se conhece a árvore, disse Jesus Cristo, e conheceremos os Espíritos pela bondade ou malícia das suas inspirações.

Para que continuar a fazer citações bíblicas em confirmação da tese que sustentamos, a fim de provar que a revelação ou comunicação espiritual pode proceder, e procede em muitos casos, de uma origem benéfica superior?

Não negamos que, sem o fervor necessário, sem a boa vontade conveniente, sem um fim puramente moral e humanitário do ato da vocação, isto é, sem a oração que elevamos para alcançar luzes celestiais, faltar-nos-ão as condições que a fazem aceitável aos olhos do Ser Supremo; não negamos que podemos ser mistificados e enganados por Espíritos perigosos; mas daí a sermos vítimas de um ser maléfico, autorizado por Deus a seduzir-nos e arrastar-nos à eterna perdição, vai uma distância enorme, uma distância infinita. Não insistiremos, pois, em invocar novos testemunhos sagrados para corroborar as nossas afirmações; pois acreditamos que, com os que estão transcritos, terá o leitor cristão motivos suficientes, e mesmo de sobra, para compreender a leviandade com que o Catolicismo Romano condena a prática das evocações, quando elas são acompanhadas do fervor, da boa-vontade e do recolhimento necessários.

Uma ressalva temos, entretanto, que fazer, ressalva que rogamos ao leitor considere feita em todos os capítulos em que temos copiado e comentado passagens das Sagradas Escrituras. Não somos infalíveis, e mesmo estamos muito longe de nos julgarmos tais em qualquer ramo de conhecimentos, tratando-se especialmente de assunto tão árduo e difícil como é a compreensão da palavra revelada; é natural, portanto, que tenhamos cometido erros nos comentários que fizemos dos versículos tirados do Antigo e do Novo Testamento. Em todo o caso, asseveramos ter procedido com a melhor intenção, movidos

somente por amor à verdade e desejosos de desvendá-la aos olhos do público. Comparem, pois, os nossos comentários com as notas do padre Seio; examine-se tudo, mas sem prevenção, segundo conselho de S. Paulo, a fim de aceitar-se o que pareça melhor. A ninguém pedimos a fé cega, mas sim a fé aclarada, a fé racional, a fé do que tem abertos os olhos da razão, pois essa é a fé que desejamos e entendemos possuir.

Uma observação ainda, e concluiremos. Os apologistas do Catolicismo Romano costumam lançar ao rosto dos seus adversários alguns dos seus dogmas com o testemunho das Escrituras, procedimento esse que é realmente o que eles empregam para estabelecê-los e defendê-los. Consiste isso em destacar um do outro o versículo que lhes convenha, e, torcendo a sua significação, forçando o sentido, criam assim o inferno eterno, inventam o diabo, ou estabelecem a infalibilidade, sem se importarem que tal infalibilidade, tal diabo e tal inferno desapareçam como sombras à luz de outros cem versículos e passagens que evitam citar. Por isso, damos às nossas citações toda a extensão permitida pelos limites e pela índole deste livro, pesarosos de não podermos trasladar integralmente as Escrituras, cuja constante leitura recomendamos aos cristãos, certos de que verão confirmada em cada uma das suas linhas a verdade do Cristianismo Espírita.

TÉCNICA DA MEDIUNIDADE

C. TORRES PASTORINO

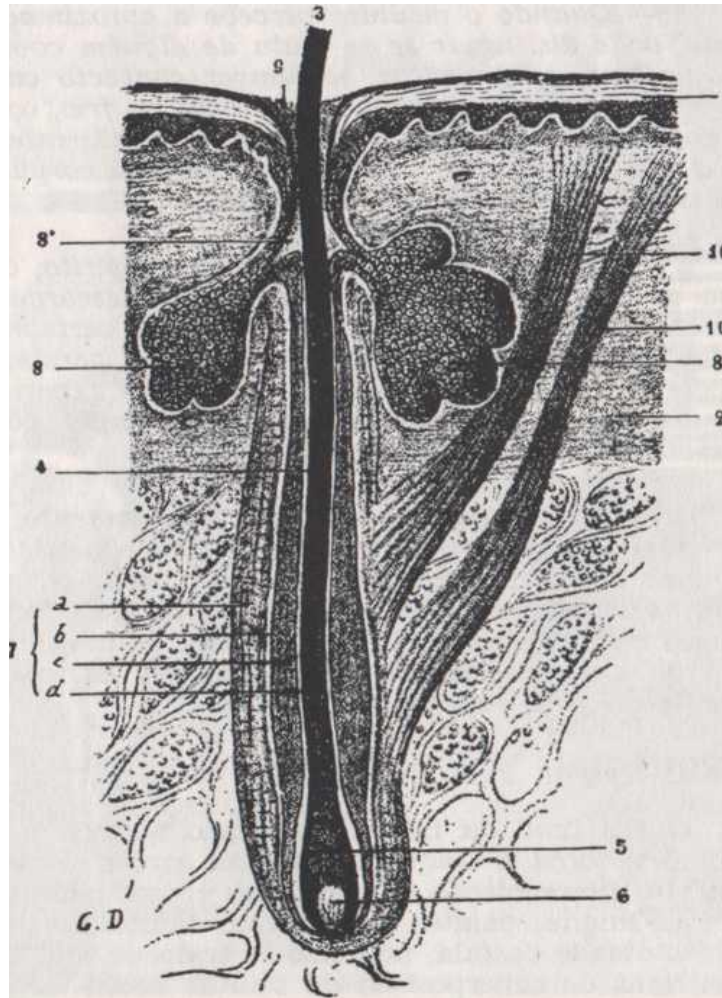
TATO

A pele ou tegumento externo cobre todo o corpo, exceto nos orifícios naturais, onde continua nas mucosas. Constitui-se de epiderme, por fora, e do *cório*, logo abaixo.

Interessa-nos a parte do órgão do tato, que é servido por numerosíssimas terminações nervosas, em bulbos sob o derma (os corpúsculos de Passini, os de Krause, e os de Ruffini), os que terminam livremente (corpúsculos de Meissner) e as terminações nervosas da epiderme, que ficam na capa mucosa de Malpighi.

Interessam, também, a nosso estudo, os pelos, que são formações epidérmicas, implantados em depressões cilíndricas do derma (“foliculos pilosos”). A cada um deles está ligado pequeno músculo, o *arrector pili* (“erector do pelo”) (1) Esse músculo passa, da parte superficial do *cório* para o lado para o qual se inclina obliquamente o pelo, prendendo-se próximo ao folículo, na projeção formada pela raiz do pelo. Se o músculo for contraído pelo nervo a que está ligado, o pelo fica eriçado e o folículo se projeta para fora, causando leve proeminência temporária na superfície da pele, a que o povo chama “pele de galinha” (*cútis anserina*).

- 1- Epiderme
- 2- Derma
- 3- Haste do pelo
- 4- Raiz
- 5- Bulbo
- 6- Papila
- 7- Folículo Piloso
- 8- Glândulas Sebáceas
- 9- Espaço Livre
- 10- Músculo



O órgão do tato tem bastante atuação no setor da sensibilidade mediúnica. Vejamos alguns efeitos:

1 — Quando de um médium de suficiente sensibilidade se aproxima um espírito desencarnado (e por vezes mesmo uma criatura encarnada que não tenha sido percebida por seus sentidos) a aura do espírito toca na aura do médium e os nervos cutâneos são atingidos e sensibilizados. Dá-se então pequeno (ou forte) choque nervoso, que faz que se contraiam os *arrectores pilorum*, eriçando-se os pelos, e a pele fica arrepiada.

2— Quando o médium percebe a aproximação de uma entidade, pode distinguir se se trata de alguém com elevação espiritual e bons sentimentos, se houver contacto com excitação dos bulbos de Krause (sensação de frescor ou frio, como “ar condicionado”); ou se o espírito é involuído e de más intenções, pois neste caso são atingidos os bulbos terminais e os corpúsculos de Ruffini (sensação desagradável de calor).

3— Quando há passagem de um espírito, ou quando ele se liga ou desliga, o médium recebe uma descarga nos nervos epidérmicos, sobretudo ao longo da coluna vertebral, contraindo-se todos os *arrectores pilorum*, dessa região, geralmente subindo do cóccix ao occipital. A mesma sensação é experimentada quando alguém depara repentinamente, por exemplo, com um cachorro, assustando-se por temê-lo.

4— Mesmo quando não há, propriamente, aproximação de espírito, pode o sensível, ao evocar mentalmente ou por palavras, o nome de uma pessoa ou um fato, sentir o “arrepio” (pele de galinha) mais ou menos intenso, sendo mais frequente nos antebraços 'que no corpo inteiro. Trata-se de uma emissão do simpático da própria criatura, sob o impacto da emoção, provocando irradiação pela superfície cutânea.

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos

tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritos sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.